

NA SOLEMNIDADE DA ACCLAMAÇÃO DE D. PEDRO D'ALCANTARA EM
PRIMEIRO IMPERADOR DO BRAZIL.

MANDADA CELEBRAR PELO SENADO DA CIDADE
DO RECIFE A 8 DE DEZEMBRO DE 1823, NA MATRIZ DO CORPO
SANTO, COM ASSISTENCIA DA JUNTA PROVISORIA,
RELAÇÃO, CLERO, NOBREZA E POVO.

Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.
Maria, mãe de Jesus Christo.

MATH. 1. v. 1.

Excellentissimos senhores !

E' tanta a fragilidade da humana natureza, que por mais reflexão que façamos sobre os fins das nossas acções, sobre a escolha dos meios mais apropriados, seguros e efficazes, sobre o conhecimento e remedio dos estorvos e obstaculos, que podem occorrer da parte do tempo, do lugar, das pessoas e mais circumstancias, que as revestem externamente, sempre ellas trazem consigo o cunho da imperfeição, e o signal de obras dos homens, creaturas imperfeitas em si mesmas.

Quando vejo o illustrissimo senado desta villa escolher e determinar o dia de hoje para solemnizar a acclamação do muito alto e muito poderoso principe, o Senhor Dom Pedro de Alcantara, em imperador constitucional do Brazil, não posso deixar de olhar este arbitrio, como uma nova prova do tino ajuizado e prudencia esclarecida, com que este respeitavel corpo se tem sabido conduzir nas perigosas crises do tempo, sem nada perder da sua dignidade e honra ; mas ao mesmo passo, seja licito ao ministro do santuario reprehender um desacerto do alto da cadeira da verdade, mas ao mesmo passo vejo-me obrigado a reconhecel-o em falha e erro, quando me escolheu a mim para orgão de seus sentimentos religiosos e politicos, e interprete do patriotismo e gratidão do generoso povo, que elle representa em dia tão plausivel.

O dia é aquelle em que a esposa do Cordeiro sem mancha, quero dizer, a santa igreja, cheia de jubilo, celebra o augusto mysterio da Conceição Immaculada daquella creatura venturosa, que, descendendo de Abrahão e de David, foi escolhida antes de todo

creado para ser mãe do Verbo Eterno, e nosso redemptor, Jesus Christo; *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus*.

Mysterio ineffavel, que sendo o primeiro, e o maximo dos de Maria, foi o ultimo mandado venerar pela santa igreja, afim de que a christandade, encarando-o primeiro, se não deslumbrasse com o extraordinario esplendor de tanta luz; mysterio de que lançou mão a santidade de Clemente XI, para debellar as heresias, destruir os erros e falsas doutrinas, que contaminavam a igreja no principio do seculo passado; (1) mysterio sob o qual a mãe de Jesus Christo, imperatriz do céu e da terra, é a protectora da monarchia portugueza, defensora dos tres reinos, Brazil, Portugal, e Algarve, pela devota eleição do senhor rei D. João IV, quando libertando a patria, sacudia o jugo da tyrannia hespanhola; (2) mysterio, finalmente, sob cujos auspicios a magestade do senhor rei D. João VI acabou de instituir nas margens do Janeiro a ordem militar da Conceição.

Que dia mais adequado á solemnidade da aclamação de sua Magestade em imperador constitucional do Brazil? Sua Magestade, aquelle principe justo, magnanimo, incomparavel, que tocado dos nossos males passados e das injustiças presentes do congresso lisbonense a nosso respeito, e querendo collocar-nos naquella graduação, para que nos destinou a Providencia, no meio das nações e do orbe, quebrou de uma vez os infames grilhões, que o velho e estonteado Tejo, no seu mais exaltado orgulho, forjava ao colossal Amazonas e ao rico Prata; e não dando tempo aos inimigos da justiça, os despóticas constitucionaes do congresso, a urdirem novas tramas, com a rapidez do raio, tocou aquelle ultimo termo politico, que nos dá a liberdade, afiança a reintegração dos nossos direitos postergados, assegura a nossa felicidade e preconiza a nossa gloria.

Que prudencia!

Solemnizar a elevação do Brazil á uma categoria maior do que aquella, que nos queriam roubar, no dia da mais excelsa solemnidade da protectora do mesmo Brasil!

Festejar a liberdade da patria dos ferros do despotismo no dia, em que a igreja canta os epinicios á padroeira da mesma patria pela sua liberdade dos grilhões da culpa paterna, e vencimento glorioso do despota infernal!

Acrisolar a pureza do gaudío civico com a santidade do prazer christão!

Unir o temporal com o eterno; a religião com a natureza; e mostrar-se ao mesmo tempo christãos mais devotos e pios, e cidadãos mais patriotas e justos!

(1) *Potentissimam opem in tot, tantis que, quibus premimur, Christianae Reipublicae, et Catholicae Ecclesiae necessitatibus, quantum nobis exalto conceditur, promereri jugiter satagamus, Clem. XI. apud. Vedor.*

(2) *Epitom. Lusit. Hist. Ann. 1646.*

Que prudencia !

Que inconsideração, porém, entregar uma causa de tanta importância em mãos tão fracas e inhabeis, quaes as minhas !

Os Agostinhos, os Chrysostomos talvez tremeriam neste empenho.

A Conceição intemerata de Maria, que objecto !

A aclamação do principe real em imperador, que assumpto !

Que destreza não é necessaria ao orador christão para que, na exposição deste mysterio, o ardor da devoção não o faça transpor os termos da fé dogmatica ; e o silencio da revelação não esfrie as chammas da piedade !

Que tento ! Que medidas ! Que segurança !

Louvar a exaltação do principe em imperador, preconizar felicidades á nação, que o eleva, esperar venturas para os povos, que lhe obedecem, encher-se por este titulo e procurar que os outros se encham de uma alegria festiva e transcendente, que arreceiado procedimento !

Que passo aventurado, quando estamos ouvindo troar os oraculos da parcialidade, da justiça do despotismo, naquelle senado augusto, que foi aberto para reimpossar os cidadãos dos seus direitos, para pesar a todos na balança da patria, e para a gloria da grande familia, que, não cabendo nas margens do Tejo, atravessou o Atlantico, e veio occupar o vasto Brazil e gozar de suas preciosidades !

Que perigo ! Que temerario arrojô !

Como compaginar em um discurso regular materias tão heterogeneas e desvairadas ?

Como amalgamar em uma oração de um modo suave a Conceição de Maria, e a aclamação do imperador ?

Eu tremo, senhores, todas as vezes que encaro tão grande onus, e vos confesso, que elle pesa mais sobre os meus hombros, do que nos do propheta a mole de Damasco e de Babylonia. (3) Si o illustrissimo senado tivesse a virtude de dar-me com a nomeação a sufficiencia, eu já vos fallaria com o desembaraço e a coragem do propheta Isaias, depois que seus labios foram purificados no fogo do altar ; (4) mas, não se verificando esta hypothese, nada me resta que recorrer ao Pai das luzes, para dar-me as de que necesito.

Sim, Deus eterno, que julgastes conducente á gloria do vosso Unigenito, que aquella, de quem elle havia de nascer, não fosse contaminada do peccado do primeiro prevaricador, porem resurgisse brilhante e pura das trevas da culpa ; as sombras, que abafando o meu entendimento, não me permittem achar a vereda, que devo se-

(3) Isaias 17. 1. 13. 1.

(4) Isaias 6. 6.

guir, dissipae-as com um raio da vossa luz ; tocae o meu coração com o fogo da caridade, afim de que em minhas palavras e em todo meu discurso só falle a religião e a razão ; afim de que se não escandalise a fé, nem se dôa a piedade, nem se atropelle a justiça, e afinal se illumine e edifique o vosso povo, o povo de aquisição, que me escuta.

Enlaçando entre si os sentimentos, que hoje nos devem animar quanto á religião e á politica, na piedade christã e na republica civil, nossos corações se devem inundar da mais affluente alegria, e do mais completo jubilo pelo grande interesse, que reina nos dous objectos da presente solemnidade : a Conceição intemerata da imperatriz do céu e da terra, e a aclamação do imperador constitucional do Brazil.

Maria, sendo, por um dom especial da redempção de Jesus Christo, concebida em graça, livre de todas as manchas, que contaminavam os demais filhos dos homens, assegurou á humanidade todas as suas felicidades, quanto aos bens eternos : primeiro ponto. Sua magestade imperial, fundando o imperio constitucional do Brazil, por um dom particular de justiça e prudencia, estabelece um governo das maiores vantagens para o Brazil, quanto aos bens temporaes : segundo ponto.

No primeiro rememoramos a gloria da humanidade tendo uma filha, sobre quem não extendeu a sua autoridade o inimigo infernal, o principe das trevas ; no segundo a gloria da sociedade, que deve ao imperador Pedro I ver quebrado e reduzido a pó o sceptro de ferro, com que o despotismo, tyranno da razão e da justiça desde os mais remotos seculos, tem avassallado o universo.

Em ambos achamos a nossa felicidade inteira e completa, e a fonte caudal do mais racional prazer e do mais duravel contentamento.

Quem é esta, que vem marchando, como a aurora, quando se levanta, dissipando as densas trevas da noite e abrindo as portas aos resplandores dos raios ; formosa, como a lua na sua plenidão ; escolhida, como o sol no seu esplendor ; terrivel, como um exercito bem ordenado, posto em campo ?

Quem é esta ?

Assim por gosto, e não por ignorancia, perguntou o esposo dos cantares (5) dez seculos antes que o mundo absorto admirasse a pureza e a magestade de Maria, mãe de Jesus Christo. *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

Oh ! quanto não é digno das complacencias do Eterno ter creado

(5) Cap. 6. v. 36.

a virgem de Sião, sem aquelle indigno ferrete, com que o primeiro pae marcou toda a sua posteridade; sobranceira aos ferros em que o mesquinho e insidioso Satanaz prisionava os filhos do famulento Adão, que elle mesmo havia seduzido e precipitado!

Que cousa mais digna da satisfação do Omnipotente ver frustradas as esperanças, affrontando o orgulho do principe das trevas, do caudilho dos reitores do seculo, que ousando alçar-se contra o seu Creator, blasonava imperar despoticamente sobre todas as creaturas terrestres!

Que jubilo para as jerarchias celestes verem chegar aquella hora feliz, em que começou a ornar com seus raios seu proprio oriente aquella creatura, que havia sido concebida na mente eterna, antes que os montes a alta fronte erguessem, antes que os mares fossem bridados para susterem o seu furor e não passarem os termos, que lhes foram prescriptos! (6)

Que exuberante prazer para o mundo, vendo apontar brilhante a estrella de Jacob, (7) que vinha afugentar as trevas, que sahindo do Eden, enlutaram todo o orbe, e suffocavam seus habitantes!

Igreja santa, depositaria da verdade, vós assistida pelo espirito de luz, desceste ás tribus de Jacob; que quando foi concebida a Virgem sacratissima, então foi todo mundo illuminado; alegraram-se os archanjos; exultaram todos os santos; e congratulou-se todo o universo. (8)

Ainda hoje este oraculo consolador é repetido na effusão dos corações mais pios de um a outro pólo, desde o berço do sol ao seu feretro, em toda parte, onde é reconhecido e adorado o santo nome do Supremo Architecto do Universo, onde é apreciada a redempção de seu Unigenito Jesus Christo.

Foi illuminado todo o mundo, não com essa luz material, que se desprega do sol, dos outros astros, ou está espalhada no espaço; sim com aquella luz espiritual, que adornava a alma do primeiro vivente ao sahir das mãos do Eterno Feitor, quando o amassou do barro damasceno, e lhe inspirou o sopro da vida, (9) que o fez ser o unico dos seres creados, que trouxe a imagem e semelhança do Creator. (10)

Illuminou-se todo mundo, porque todo elle jazia nas trevas da mais negra e medonha noite da morte.

Sim, transportae-vos em espirito aos primeiros dias da natureza; penetrae o portico soberbo de Eden; vede os funestos effeitos, os horrorosos negrumes, que espalhou pela infeliz humanidade

(6) Proverb. Cap. 8.

(7) Numer. Cap. 24.

(8) Offic. hns. die.

(9) Genes. Cap. 2.

(10) Id. Cap. I. 16, 27, 9. 6.

aquelle braço soberbo, que extendendo-se ao fructo defeso, chegou até o céo, e fechou as suas portas a todos os seus descendentes.

Que obscuridade!

Que confusão!

Elle via cahirem de roania sobre si, e sobre a sua posteridade, as consequencias de sua desobediencia e soberba.

Aquelle, que podia não morrer, ficou sugeito á impreterivel necessidade de acabar seus dias, depois de os passar no meio dos suores, dos trabalhos, rodeado de dores, debulhado em pranto. (11)

Aquelle entendimento, que partia com Deus a gloria da criação, sendo o artifice dos nomes para as essencias, que Deus havia extrahido do nada, (12) já não pode distinguir entre a suave face do bem e a feia catadura do mal; já fica sugeito a ser illudido, de momento a momento, pelo espirito das trevas, que, independente d'elle, o não podia enganar.

Aquelle coração, que fora creado para mover-se ao compasso do entendimento, descompassa a sua marcha; desvia-se das suas estradas; recalcitra aos seus dictames; já deseja contra o seu espirito; (13) e o homem vê nos seus membros uma lei, que contradiz á lei da sua mente. (14)

Aquelles, que cobertos da graça do Creador, viam sem se envergonharem a sua innocente nudez, não podem jámais encaral-a sem pejo; e com tanto que tenham artificios para se defenderem das vistas reciprocas, se occultam á voz do Eterno, que os chama. (15)

Já, finalmente, lhes declara a mais cruel e perigosa guerra a indomavel concupiscencia, mãe fertil de todas as propensões perversas, de todos os vicios, e de todos os crimes. (16)

Que horrorosa metamorphose!

Que perda!

Que dor!

Mas consolai-vos, almas pias, fructos desgraçados e pecos de um tronco arido e corrupto; consolai-vos!

O dragão vermelho, que com a sua cauda arrastou a terceira parte das estrellas do céo, e as fez cahir sobre a terra, (17) não alardeará suas victorias.

Ahi vem a mulher forte, que ha de esmagar a cabeça da serpente antiga; (18) ahi se apresenta a rainha do Apocalypse, a quem

(11) Id. cap. 3.

(12) Genes. cap. 2.

(13) Galat. cap. 5.

(14) Roman. 7. 23.

(15) Genes. cap. 3.

(16) Jacob. cap. 1.

(17) Apocalyps. 12.

(18) Genes. cap. 3.

o sol serve de manto, a lua de supedaneo, e as estrellas de coroa (19)

Ella, sim, veio e estabeleceu a salvação e a fortaleza; fundou o reino do nosso Deus, e o poder do seu Christo.

Sim, foi concebida Maria Santissima, e a sua Conceição, como conta a igreja, annunciou o gosto a todo mundo; porque della nasceu o sol de justiça, Jesus, o Christo do nosso Deus. Foi concebida Maria, e ficou plantada a estirpe bemaventurada, a raiz santa, de que brotou o suspirado fructo de benção.

Que catastrophe!

Que mudança venturosa para a humanidade, até ali aturada com as scenas precedentes!

Enxugai, enxugai as lagrimas, captivos de Babylonia; despregai dos salgueiros essas citharas sonoras, e entoai os canticos do Senhor, que não podieis entoar na terra alheia! (20)

A luz de Israel foi mandada para illuminação das gentes. (21) Jesus, que nasceu de Maria, cheio de graça e de verdade, revelou á terra aquelles mysterios, que bebera no seio do Padre; infundiu nos corações dos homens uma força augmentada de uma admiravel mansidão, capaz de arrostar com todos os satelites de Satanaz, com todo o poder das trevas.

Que mudança nos trouxe aquelle instante memorando, em que a virgem de Sião, a mãe de Jesus Christo, passou da delineação na mente do Eterno a ter um lugar na ordem das creaturas, a unir-se com nosco nos estreitos laços da fraternidade!

Pode um coração christão sentir, mas esse mesmo não pode expressar.

Ah! que titulo mais justo para se abysmar o nosso coração em um mar de delicias e de glorias!

E' um sentimento natural em todos os homens quererem, que aquelles, que são de sua classe, tenham as mais distinctas perfeições e os mais assignalados privilegios; porque a gloria do todo reverbera sobre cada uma das suas partes, e a todas illumina.

Que gloria a nossa vendo, que quando o nosso mais insolente e orgulhoso inimigo nos affrontava do seu captivoeiro e dos seus ferros, se affrontava a si mesmo de resurgir clara e brilhante, do amargo e tempestuoso mar, aquella nuvem que se diffundiu, em chuvas de consolação e vida, sobre a faminta Samaria? (22)

Que goso jocundo vendo, que ao passo que todos os corações se contrahiam e melancolisavam, no meio da borrasca medonha, que aterrava a natureza, appareceu o formoso iris, signal do concerto entre Deus e os homens, que reanimou os espiritos abati-

(19) Apocalyps. cap. 12.

(20) Psam. 136.

(21) Luc. cap. 2. 32.

(22) 3. Reg. cap. 18. 44.

dos, e os encheu da esperança consoladora de zombarmos um dia do leão rugidor pelos seus inúteis esforços? (23)

Quem jámais foi indifferente á impotencia do inimigo, e ao estanco dos males que o infelicitam?

Na ausencia delles consiste a nossa felicidade.

Ah! que novo brilho, e que esplendor não adquiriram da Conceição de Maria a sua natividade sobre a terra, a sua apresentação no templo, a sua maternidade, em conceber e dar á luz ao filho do Omnipotente, o seu triumpho nos céos!

Quanto não é lisongeiro ver, que as dignidades da vida de Maria não foram jámais inficionadas do máo cheiro da fonte corrupta e mortifera?

Que ella não sentiu jámais a dor acerba de ser, antes de mãe de Deus, sua inimiga?

Que os raios do seu diadema jámais foram contrastados de sombra alguma original?

Como seria completo e glorioso aquelle festejo do empyreo, em que a suprema imperatriz, elevada acima das celestes jerarchias, recebeu as adorações dos anciões do Apocalypse, si acaso ella houvesse sido um momento vil escrava de Satanaz, parto esurio da culpa, e não filha legitima da graça?

Corações pios, accessiveis ás impressões da perfeição, do bem e da virtude, entregae-vos ás doces e mimosas agitações, que produzem as recordações de tanta pureza e excellencia da nossa nunca assaz louvada co-redemptora; exultae, e cantae ao Omnipotente as acções de graças por tantas, que fez a mãe de Jesus Christo; e entregae-vos aos maiores transportes, e não temaes exceder os justos limites da razão.

Sim, estes são os sentimentos, que devemos nutrir, quando alumnos do christianismo, filhos de uma religião santa, pura e immaculada, solemnisamos seus mysterios, abraçamos sua piedade, e, unidos aos choros dos Levitas, fazemos retumbar as paredes do santuario com os canticos da terrestre Jerusalem ao Senhor Deus dos exercitos, ao seu Unigenito Jesus Christo, e a sua esposa, mãe de Jesus Christo. *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

Esta a nossa piedade, este o nosso arroubamento, como religiosos; passemos a ver o nosso guadio, como cidadãos patriotas, pela aclamação de sua magestade o imperador constitucional do Brazil.

Mais uma pouca de attenção, que serei breve.

Quer fosse a propensão, que o homem herdou da natureza, para procurar outro homem e viver em sociedade, evitando as in-

(23) Apocalyp. 20.

commodidades e o enojo da solidão ; (24) quer uma encadeação necessaria das cousas, dimanada do amor conjugal entre estes e seus filhos ; (25) quer fossem as necessidades da vida, e o desejo de fazer-a commoda e agradável ; (26) quer a prudencia de por-se acoberto dos males, que se podiam temer dos outros homens ; (27) quer finalmente outras causas, que ainda não lembraram aos philosophos e publicistas, o. que obrigou aos primeiros pais de familias a renunciarem a independencia do estado natural, e irem formar as sociedades civis ; estabelecidas estas, não se dirigem a outro fim, que o bem da especie humana, sua existencia commoda e feliz, o augmento e perfeição de suas faculdades physicas e moraes.

Eis porque a salvação do povo é a primeira e a maxima das leis ; a fonte, d'onde se derivam todas as outras ; e o ponto de apoio, que sustenta os movimentos e equilibra a marcha de toda a machina politica.

A este fim se instituiram os governos, que vigiassem sobre o bem dos povos no interior das cidades, e fóra dellas repulsassem os males, que lhes procurava a ambição dos conquistadores, e outros oppressores injustos. Por isso, com a maior sabedoria disse o grande Platão : “ que o povo não foi feito para bem de quem o governa, sim os governantes foram instituidos para bem do povo, *non populus causa gubernatoris, sed gubernator causa populi fit* (28)

Este fim, santo e augusto, é o que tem conduzido os homens a estabelecerem as diversas formas, já simples, já compostas, do governo, que se tem visto no mundo desde o berço do genero humano.

Este fim, quando, por desgraça da sociedade, se não tem podido conseguir debaixo de uma hypothese, foi a mola real, que moveu os povos para sacrificarem tudo, profano e sagrado ; emprehenderem e executarem as mais funestas revoluções, afim de arraigarem aquelle governo, em que julgavam estar o caminho do bem, da felicidade, e a estrada da gloria.

Para obter este fim, é que Athenas, depois de quatro seculos de pura monarchia, encarando a liberdade, estabeleceu um governo, em que o simples cidadão igualava o primeiro magistrado. (29) Roma principiando em reinado, experimentou á custa dos maiores sacrificios consules, decemviros, tribunos militares, dictadores e imperadores ; os cantões suissos sacodem o jugo dos Austriacos ; (30)

(24) Puffendorf. le Droit. dela nat. e des gens. liv. 2. cap. 3. § 15.

(25) Id. ibid. lib. 7. cap. I. § 5.

(26) Id. ibid. § 6.

(27) Id. ibid. § 7. La Brenjer. car. tom. 2. cap. 10.

(28) Apud. l'Acteur des les Notion. Clair. sur les Gouvernemens.

(29) Notion. Clair. sur les Gouvernemens tom. 2.

(30) Manual. Chronolog.

Hollanda a tyrannia de Felippe II; (31) Portugal a do IV; os Estados Unidos na America se separam da sua metropole europea; França é uma nova Roma; e de presente se acham com as armas nas mãos povos em todo universo.

Tanta é a grandeza, e o preço da publica saude!

Esta é a felicidade, que tendo diante dos olhos o magnanimo principe o Senhor D. Pedro I, ao travez de todos os perigos, que lhe podiam sobrevir, hora a hora, dos interessados nos nossos males, o abalangou á ouvir os nossos votos, receber nossos offerecimentos e acclamar-se imperador constitucional do Brazil.

Que facto nos apresenta a historia de tanta justiça, de tão incommensuravel interesse, e tão credor do reconhecimento e gratidão dos homens!

Sim, aqui tendes a fonte da nossa excelsa ventura, e o fóco ardente do esplendor e gloria do Brazil, em toda a face da terra.

Quem jámais será tão estonteado, que medindo a vasta extensão do nosso continente; penetrando as minas inexgotaveis de ouro; vendo nossos diamantes, que tem feito esquecer os de Soulempour na India, os de Sucadan em Borneo, e os rubins que obscurecem os de Ceylão; atravessando os multiplicados rios, que dando morada a peixes infinitos no numero, formosos á vista, mimosos ao paladar, fecundam, quaes outros Nilos, os terrenos por onde extendem suas correntes; seus bosques, productores de madeiras preciosas e uteis na architectura naval e civil, povoados de quadrupedes de toda especie, de aves as mais raras e formosas; seus campos cobertos de immensidades de plantas medicinaes, uteis na tinturaria, nas manufacturas, nas artes, no commercio; seu solo adubado de saes taes, que podem rivalisar com as producções mais particulares de outros paizes; o genio de seus naturaes, emprehendedor, claro nas sciencias, astucioso na artes, valente na guerra; quem haverá, que tomando o peso á estas vantagens, ouse avançar, que o Brazil não recebeu da providencia as proporções para ser, si não o primeiro, ao menos um dos primeiros imperios do universo?

Quem?

Os nossos irmãos em Portugal, os regeneradores da nação lusitana.

Porem que se vos dá a vós, generosos Brasileiros, que se vos dá, que os corypheos do congresso lisbonense, no azedume do seu odio, digam, que não se importam, que nós nos degolemos uns aos outros, e que nos queriam mandar cães de filla?

Que se vos dá, que seus apaniguados, escriptores venaes, pretendam com rasgos de suas pennas representar-nos ainda capazes de continuar nos grilhões de tres seculos, e desabem seu paisanismo em desvarios desta estofa?

Os mesmos Portuguezes de outra idade, os estrangeiros de

(31) Manual chronolog.

outras nações, o immortal Pedro I, não podendo negar-se á luz da clara verdade, aos dictames da justiça, nos vingam assaz das suas affrontas, dos seus ferros e baldões, uns invejando a nossa sorte, outros broxuleando a nossa ventura, outro finalmente pugnando pelo nosso bem, sacrificando-se todo para dar-nos o assento condigno no templo da memoria.

Trezentos annos, já não digo de infancia, sim de uma vil escravidão, ainda não succedeu a povo nenhum do globo, por mais desfavorecido da fortuna e natureza. O velho e acanhado Portugal não quer que o seu captiveiro, na sugeição á Hespanha, passe o termo do dos Israelitas em Babylonia; e, pelas injustiças e tyrannias dos ministros de Felippe I e III, sacudiu o jugo, e acclamou um rei natural.

Este mesmo velho, pelos atrazamentos em que se viu nos treze annos da côrte no Rio de Janeiro, cuida seriamente na sua melhora, procura o seu adiantamento e restituição ao antigo esplendor.

E seria o Brazil condemnado a ser sempre escravo, sempre espinhado, e sem aquelle assento para que o talhou a Providencia?

Tres seculos de um tirocinio barbaro e cruel já infamam a nossa sensibiliidade, já menoscabam a nossa honra.

Chegou, bem que com passos muito lentos, a nossa virilidade; não devemos mais amamentarmo-nos.

Transbordaram os vasos da nossa paciencia; chegaram ao seu pincaro as injustiças de Portugal; apresentou-se o nosso libertador. Não podemos nem devemos renunciar a nossa liberdade, dar de mão ao nosso adiantamento, nem deixar de abraçar a protecção que nos offerece o maior dos príncipes, o mais poderoso dos monarchas, o mais cordial e interessado dos nossos amigos.

Injustiças de Portugal!

Será uma blasphemia?

Não, senhores; lançaí um golpe de vista sobre a nossa historia, vós não podereis encarar sem indignação as tyrannias do soberbo Tejo.

O Brazil no tempo do rei D. Sebastião era reputado por um estado tão espaçoso, e de tanta importancia, que muitos fidalgos e pessoas de muita prudencia e conselhos representaram áquelle monarcha, que se passasse para elle, e mandasse povoar com todas as forças de Portugal; (32) mas que succedeu?

Foi tratado tanto de menor, que em tres seculos (33) de povoação e desfructação, ainda não teve uma universidade, ao mesmo tempo que a America Hespanhola, desde o anno de 1551 até o de 1628, contava quatro, a do Mexico, a de S. Domingos, a de Quito, a de Guatemala. (34)

(32) D. Gregor. de Alm. Rest. Prodig. de Port. Part. 1. cap. 38.

(33) O Brazil foi descoberto a 24 de Abril de 1500.

(34) Man. Chronolog.

Ainda não teve uma universidade, sendo aquelle riquissimo paiz, que, segundo faz ver a todo mundo o grande Raynal, (35) nos sessenta primeiros annos das minas descobertas, isto é, até o anno de 1756, mandou para Portugal só em ouro mil novecentos e vinte milhões de cruzados; e dahi para cá não tem sido menos caudal a torrente das riquezas.

Tão mal tratado, ou tratado com tanta injustiça, que o eloquente Vieira, (36) pregando na presença do marquez de Montalvão sobre os máos governos dos ministros reacs, a quem comparou com as nuvens, dizia: “Partem de Portugal estás nuvens, passam as calmas da linha, onde diz que tambem refervem as consciencias, e, em chegando á Bahia, não fazem mais que chupar, adquirir, ajuntar e encher-se por meios occultos, mas sabidos; e ao cabo de tres ou quatro annos, em vez de fertilizarem a nossa terra com a agua, que era nossa, abrem as azas ao vento, e vão chover a Lisboa, e espediçar a Madrid; por isso nada lhes reluz ao Brazil, por mais que de nada lhes monta; e nada lhes aproveita, por mais que faça, por mais que se desfaça. E o mal mais para sentir de todos é que a agua, que por lá chovem, e espediçam as nuvens, não é tirada da ubundancia do mar, como n’outro tempo, senão das lagrimas do miseravel e dos suores do pobre; que não sei como atura já tanto a constancia e fidelidade destes vassallos!”

Tão maltratado de então para cá, que... Mas aonde me conduz o espirito da verdade e o patriotismo?

Acaso deverei eu fazer a triste descripção dos nossos males, do nosso atrazamento debaixo do governo tyrannico de Portugal, pelo dilatado espaço de tres seculos?

Deverei repetir o esquecimento generoso das nossas feridas passadas; a nossa cordialidade e bom gazalhado na transmigração da côrte para o nosso territorio?

Acaso rememorarei o infame plano de servilismo tramado acintemente pelos novos despotas constitucionaes do congresso lisbonense, depois que o immortal Pedro I com sabedoria os comprehendeu, e com verdade os manifestou aos governos e nações amigas? Quando este heróe, com uma magnanimidade acima de toda exaggeração, tomou á peito o remedio das nossas desgraças, e a prevenção daquellas, que apontando nas margens do Tejo, já iam enlutando o horisonte brazilico?

Não, não ousarei de certo; contentar-me-hei sómente com annunciar-vos o immortal Pedro I. como o anjo de Isaias, convidado a vir á terra, que estava além dos rios da Ethiopia, á soccorrer o povo terrivel, depois do qual não ha outro, e libertar a gente, que

(35) *Histor philos. do com. e estabel. dos Europ. nas Duas Ind.* tom. 2 lib. 9 cap. 43.

(36) *Past. Sext. serm. da visita de Nosso Senhor.*

estava continuamente em esperanças, e continuamente pisada e esmagada. (37)

Sim, foi este o principe appellidado pelo Propheta para nos dar a liberdade e a salvação.

Assim o devemos esperar da sua justiça e magnanimidade, e da forma do governo, com que vai reger seus povos, os netos de Cabral.

O que falta ao grande Pedro para na fundação d'este imperio fazer obscurecer a gloria dos Nabucos, dos Cyros, dos Alexandres?

Que tiveram os Carlos, os Fredericos, os Pedros, que deseje-mos no nosso principe, para que o seu nome encha toda a terra?

Luzes de entendimento?

Os seus manifestos são oraculos de sabedoria.

Espirito vasto?

O colossal projecto, que concebe e pratica, mostra quanto elle é sem limites.

Experiencias nos negocios arduos?

A sua natural penetração ajudada dos subditos fieis, que veem a luz, e lhe arredam as trevas, suppre o numero dos annos, que communmente se exige para a prudencia.

Terreno espaçoso e abundante em recursos?

Qual dos imperios antigos e das potencias modernas pode competir com o nosso territorio na sua extensão, na riqueza dos seus montes, dos seus valles, dos seus rios?

Povos aguerridos?

A França diga, repita a Hollanda, os prodigios de valor, que fizemos na nossa infancia?

Governo liberal e creador, que desenvolva a virtude no ocio da paz, e no furor da guerra?

O imperio constitucional, ou é uma concepção de uma intelligencia acima da dos mortaes, ou é uma dessas verdades sublimes, com que nos costuma presentear o acaso, ou, si nasceu da reflexão, é a obra prima da razão, e o maior esforço do entendimento humano no artigo—politica.

Imperio constitucional?

Colocado entre a monarchia e o governo democratico, reúne em si as vantagens de uma e de outra forma, e repulsa para longe os males de ambas. Agrilhôa o despotismo, e estanca os furores do povo indiscreto e voluvel.

O imperador podendo fazer todo o bem aos seus subditos, jámais causará mal algum, por que a constituição com sabias leis fundamentaes e cautelas prudentes tira ao imperador o meio de afrouxar a brida ás suas paixões, e exercitar a arbitrariedade.

E' nesta hypothese que o homem vive em um completo gozo de todos os seus direitos naturaes e sociaes, exercita na sua maior

plenidão o doce e inapreciavel dom da liberdade, e si acaso perde d'esta alguma porção, é porque a seu beneficio outra igual porção perdem os seus concidadãos.

E' nesta forma de governo que o cidadão se lisongea de encontrar, quer no exercito, quer nos tribunaes, quer no ministerio, só amigos, só irmãos, só iguaes sem nada ver acima de si, que a lei e o merecimento por ella protegido.

Aqui é que a alma, parte mais nobre e essencial do homem, alardêa a sua nobreza, enche-se de um racional orgulho, eleva-se com dignidade, desprega constantemente sua energia, e se entrega sem violencia ao entusiasmo do amor da patria, emulando a gloria dos Pompeos, dos Regulos, dos Catões.

E' neste governo que se nos franquea a estrada da felicidade e o sublime portico do templo dos heróes.

E' este o centro da força e da união, sem o qual, como sabiamente disse o grande principe. não poderemos conservar nossas fronteiras e limites naturaes, e perderiamos, como machinavam as côrtes de Lisboa, tudo quanto haviamos ganhado, á custa de tanto sangue e cabedaes. Sem este braço forte, que valorosamente sustenta o leme do estado, a não da nossa republica, arrebatada pelo fluxo e refluxo do euripo do congresso, seria o ludibrio das suas vertigens, e quebrando-se nos medonhos cachopos da anarchia, da guerra civil, do servilismo, infamaria o Atlantico com o seu naufragio.

Debaixo deste imperio constitucional, que abate o despotismo, ruina das sciencias, das artes, dos costumes, da razão, da liberdade, veremos o genio brasileiro apresentar prodigios em todo genero.

A marinha terá os seus Gamas; a guerra seus Albuquerquees; a milicia seus Louvois; as finanças Soulys; a astronomia Galileos; as sciencias Monteiros, Newtons, Franklins; o parnaso Camões, Barros, Vieiras.

E porque o genero humano é tudo, quanto se quer que elle seja, unindo-nos com os sabios, artistas, capitalistas e emprehendedores, a quem o grande Pedro abre nossos portos, offerece amizade e acolhimento, poderemos apresentar ao mundo o que nunca pôde a Azia, e Europa, uma nação, de quem o mundo se ouse honrar.

Qual será o coração, que se dilate em um ambito sufficiente para conter a alegria, que deve produzir a todo Brasileiro um facto tão estupendo, um successo tão util e tão glorioso!

Que causa mais relevante, mais decorosa e de mais interesse para os habitadores desta verdadeira terra da promissão!

De uma parte, quebrados os ferros indignos, que nos rouxeavam os pulsos; enfiados os entendimentos, que nos forjavam novos; destruidos os planos ruinosos; esmigalhado o colosso da sua soberba; voltadas as settas contra os mesmos que as brandiam e atiravam; e elles dizendo: “ Os meus pensamentos se desvaneceram, sendo verdugos do meu coração—*Cogitationes meae dissipates sunt,*

torquentes cor meum. (38) Da outra, a aurora da felicidade levantando-se formosa e risonha, já se divisando uma mole immensa de solidos e duradouros bens, a clamorosa fama embocando o dourado clarim para espalhar pelo universo o nosso nome, com assombro de todos os povos, desde os Samoyedas até os Patagões, do Japão até a California.

Que golpe de vista mais lisougeiro e tocante !

Si o grosseiro bosquejo, de uma mão inexperta, ja nos offerece alguma cousa esplendida, que faria si eu soubesse combinar as tintas, desdobrar as côres, contrastar as sombras com as luzes, collocar as figuras e aperfeiçoar o quadro ?

Sem duvida, nenhum coração, ainda o mais ferrenho, se poderia eximir dos movimentos do prazer, nem dos extasis de alegria neste dia de tanto esplendor.

Oh ! dia venturoso, dia privilegiado, claro, digno de seres contado entre os dias eternos, tu ficarás marcado em nossa memoria por seculos de seculos ! Em quanto houverem sobre o globo Pernambucanos, tu passarás de geração em geração ; os pais dirão a seus filhos, e estes aos seus, que no dia em que a santa igreja celebrava a Conceição intemerata daquella formosa roseira de Jericó, que nos deu a flôr mimosa e fragrante, Jesus Christo ; que no dia em que se viu sobre a terra a mysteriosa casa de Salomão decorada do admiravel peristyllo de sabedoria, de entendimento, conselho, fortaleza, sciencia, piedade e temor de Deus, foi o mesmo em que o valoroso e constante povo pernambucano, pelo orgão do seu illustrissimo senado, assistido da excellentissima junta provisoria, da sabia e justieira magistratura, de um e outro clero, dos bravos netos dos Vieiras, dos Negreiros, dos Camarões, dos Dias, do respeitavel corpo da nobreza, dos cidadãos benemeritos de todas as classes, lembrado do que diz o Psalmista, que *debalde vigiam os que guardam a cidade, si o Senhor a não defende*, cheio da maior piedade, transportado de gosto, solemnizou a aclamação em imperador constitucional do Brazil do muito alto e muito poderoso principe, o senhor D. Pedro de Alcantara, invocando a protecção da mesma excelsa Senhora.

Oh ! Virgem sacratissima, immaculada, pura, sem mancha de culpa alguma paterna, debaixo deste glorioso predicado, vós sois a defensora do nosso reino, sede de hoje em diante do nosso imperio, para que seja elle puro de tudo, que se oppozer ao bem do vosso povo e á gloria do vosso filho. Alcançai-nos o espirito de sabedoria, e justiça para as nossas côrtes brazílicas ; vida, saude e rectidão para o nosso imperador e sua imperial familia ; bom conselho para seus ministros ; valor para seus cabos ; patriotismo illuminado para seus povos, afim de que seguindo sempre as veredas da justiça, da verdade e da honra, formemos uma nação tal, qual

de Roma dizia Marcial: “ Deusa das terras, senhora das gentes, um imperio, ao qual nenhum seja igual, e nem mesmo segundo. ”

*Terrarum Dea, Gentium que Roma,
Cui par est nihil, et nihil secundum.*